**A ESLASTICIDADE E A PROFUSÃO DOS CURRÍCULOS *PENSADOSPRATICADOS*: AS NARRATIVAS COTIDIANAS**

Diego Rosa

Universidade Federal do Acre – UFAC

Resumo

Este estudo promove reflexões sobre o currículo e as práticas educativas no cotidiano das escolas públicas, à luz da transição entre os paradigmas da ciência moderna e da pós-modernidade, apregoada pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos. A partir das concepções da pesquisa no/do/com os cotidianos, valorizam-se as práticas diárias, levando em conta a diversidade, pluralidade e heterogeneidade dos sujeitos envolvidos nos currículos *pensadospraticados*. Compreender e incorporar outras concepções de mundo implica a valorização dos próprios sujeitos na produção de saberes, bem como a possibilidade de cooperação e diálogo para o desenvolvimento de indivíduos mais conscientes, mais prudentes e comprometidos, de fato, com a transformação social. Assumimos um compromisso com o diálogo interacional e dinâmico entre as teorias da aprendizagem, apresentando a educação intercultural como instrumento de compreensão, valoração e divulgação dos saberes advindos das inúmeras e heterogêneas redes educativas que formamos e, ao mesmo tempo, nos formam.

**Palavras-chave**: Cotidiano; Currículo; Emancipação; Solidariedade

1. **INTRODUÇÃO**

As transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo neste século trouxeram à tona a problematização sobre a função social das instituições de ensino, decorrente, sobretudo, dos avanços tecnológicos, da reestruturação do sistema de produção, das modificações na organização do trabalho, nos hábitos de consumo, na compreensão do papel do Estado e, mais recentemente, no cenário social numa realidade de pós-pandemia. O ato de educar tornou-se mais desafiador e, nesse movimento, os processos de *aprenderensinar* nos âmbitos escolares estão sempre sendo atravessados pelos diversos ‘*usos’* (Certeau, 2014) que fazemos de variados tipos de artefatos culturais e tecnológicos que compõem nossos cotidianos.

A paulatina exposição às redes sociais tem gerado um cenário de verdadeiro cárcere das mentes, uma ditadura das narrativas por telas e por caracteres encurtados. Entretanto, as mesmas tecnologias são responsáveis por apresentar muitas possibilidades para seus ‘usos’. Aprendemos muito diante das criatividades que tais recursos nos proporcionam e, como Soares e Santos (2012, p.3), passamos a vislumbrar como “[...] as possibilidades que esses usos criam para o conhecimento e para a realização dos currículos, precisamos ir além da ideia de produtos, equipamentos, serviços e técnicas inventados”. Todos esses artefatos tecnológicos podem ser usados por docentes e discentes, em suas criações curriculares cotidianas nas suas ‘artes de fazer’ (Certeau, 2014) o processo de ‘*aprenderensinar’*, no ‘*dentrofora’* das escolas.

Em um contexto onde nada é definitivo, não há caminhos verdadeiramente certos, seguros. Ao contrário, vive-se em meio a uma cacofonia de mensagens e discursos, cada qual afirmando ser o melhor, o virtuoso, o exemplar, o detentor dos recursos e mecanismos que asseguram a trajetória rumo à vitória. O universo monológico, baseado em verdades absolutas, não se sustenta mais frente às transformações sociais ocorridas no final do século XX, originadas nos avanços da tecnologia e da globalização. Os instrumentos metodológicos não permitem enxergar o local dentro do global ou o global dentro do local, recorrendo quase sempre aos mesmos conceitos (Santos, 2018).

A vida é composta por relações, pela interação com os outros e o ambiente escolar. Muitas vezes, esse é o primeiro espaço onde a capacidade de convivência e a percepção de que a sociedade é composta por indivíduos que têm suas necessidades, sentimentos se ideais, se concretiza. Sendo assim, a presente pesquisa defende que a lógica e o conhecimento objetivo não são suficientes para preparar as pessoas para o mundo em toda a sua complexidade. Defendemos a aceitação e a valorização das práticas cotidianas que descortinam horizontes inéditos em busca de múltiplas e heterogêneas formas de compreensão e cooperação, em um processo ativo.

Entendemos que o currículo, especialmente os *currículos pensadospraticados* (Oliveira, 2012), colocam em perspectiva movimentos e atividades que são invisíveis aos modos estabelecidos de legitimação do conhecimento. Em dissonância aos modelos de pesquisa positivistas, que reclamam uma pseudoneutralidade, recusando e obliterando qualquer traço de emoção como condição da produção de conhecimento, busca-se a inter-relação com o mundo para além da utilidade, aproximando os indivíduos da comunidade escolar, de modo que possam pensar e vivenciar em uma educação que reflita a experiência de todos os sentidos.

Com inspiração na cartografia, objetivamos trilhar caminhos que divergem da aparente assepsia da modernidade e de sua abordagem quantitativa e restritiva da realidade. Por meio da pesquisa no/do/com os cotidianos, almeja-se observar e estudar de modo subversivo, em conjunto com os sujeitos da pesquisa, conversando, ouvindo, tocando e sentindo o mundo ao redor, sem qualquer pretensão de obter respostas precisas ou absolutas.

O campo educacional apresenta-se, assim, enquanto espaço privilegiado para a promoção do convívio com as diferenças e a cooperação mútua. A disposição para lidar com a diversidade é complexa, pois cada ser humano é único, logo, não existem manuais ou tutoriais a serem seguidos. Trata-se de um processo diário, contínuo, de construção e reconstrução de significados, marcado por sucessivos avanços e retrocessos. A transformação não se resume a uma questão técnica, de métodos, pois, se assim o fosse, bastaria alterar as metodologias e o problema estaria solucionado. O estabelecimento de uma educação libertadora pressupõe uma nova interação entre conhecimento e corpo social, uma vez que não é possível crescer na intolerância (Freire, 2001).

Torna-se imprescindível compreender o amalgama de relações e interesses interindividuais existentes no ambiente escolar, uma vez que esse pode direcionar de modo compreensivo como se perfaz o processo pedagógico, contribuindo de forma basilar para uma política educacional mais democrática em âmbito local, regional e até mesmo nacional. Aproximar o conhecimento da realidade, aprofundando e questionando, é primordial na formação da consciência individual e coletiva. John Dewey (2007), em sua doutrina pragmática, retira a consciência do existir abstrato, asseverando que a mesma só mostra seu valor na vivência, na ação racional.

1. **A POTÊNCIA DAS NARRATIVAS**

Para resgatar a complexidade da vida, tão preterida pelas ciências sociais, o sociólogo, antropólogo e filósofo francês Edgar Morin recomenda um olhar crítico sobre o próprio pensar e seus métodos, o que pressupõe a consciência de si mesmo e do mundo ao redor.

Nos ensinamentos de Morin (2000), o que compromete o conhecimento efetivo do mundo ao nosso redor é o modo de pensar reducionista, que proporciona, em um primeiro momento, conforto, mas debilita e atrofia a mente, em vez de fortalecer a aptidão de articular e assimilar entendimentos e práticas. Evidencia-se, pois, a necessidade de superar as fronteiras entre as disciplinas hermeticamente fechadas e galgar novos caminhos, uma vez que a observâncias dos conceitos abstratos originários das ciências exatas, calcado exclusivamente na racionalização, desconsidera muitos aspectos e variáveis como as emoções e as circunstâncias de cada caso.

Alves e Ferraço (2018) explicam que as conversas nas pesquisas no/do/com os cotidianos provocam intensidade de encontros, multiplicidade de acasos, fascínios e experimentações que nos movimenta e nos arrancam da inércia decorrente dos dogmas e verdades inquestionáveis. Lembramos que, nos cotidianos, as ‘*artes de fazer*’ (Certeau, 2012) estão inseridas no sentir, no escrever, no ouvir, no dizer e no calar). O silêncio, tão esquecido nos tempos atuais, onde tudo se comenta, permite traduzir e enunciar mensagens poderosas.

Cada sujeito é fonte substancial de eventos, um verdadeiro universo de memórias, fabulações, aventuras, romances e vozes que se mesclam e interferem, motivam e sugestionam o seu processo educacional e a sua interação social, de forma direta ou indireta. Desse modo, as narrativas, como a educação, consistem em um processo colaborativo, participativo, como destaca Deleuze (2010). A autoria é sempre coletiva, uma vez que não há convivência ou vida em abstrato, teoricamente, de modo passivo. Portanto, somente por meio da experiência que se obtém a energia, a motivação e o entusiasmo, essenciais para estimular o aprendizado e o pertencimento ao espaço público.

Como sublinhado por Alves e Ferraço (2018), o coletivo é fundamental para a compreensão e sistematização de tudo o que envolve a abordagem cotidianista de pesquisa. Os mesmos pesquisadores advogam no liame entre o cotidiano e o campo curricular, culminando em criações e ações solidárias de conhecimento, tanto na esfera das pesquisas acadêmicas quanto nos campos dos processos formativos. Inspiradas por Maturana (1997), suas reflexões defendem que as conversas trazem à tona divagações, memórias, digressões, sensções e expectativas individuas e coletivas, sejam intencionais ou não, demandando uma relação de alteridade, uma atitude compreensiva e não de submissão ou de opressão em relação ao outro.

Neste trabalho, a conversa consiste em um espaço de formação, de intercâmbio de experiências, de confraternização e, até mesmo, de desabafo. O encontro entre lógicas e percepções heterogêneas desloca os horizontes, altera opiniões e gera dados ricos em conteúdo e significações. Tomada como metodologia de pesquisa, a conversa visa propiciar um local de *reflexãoação*, onde os sujeitos possam a reinventar a si e a suas realidades através da palavra compartilhada.

1. **DOS CAMINHOS PRETENDIDOS**

Esta pesquisa tem como objetivo trazer para o campo de visão das políticas curriculares as práticas e as trocas de experiências e conhecimentos cotidianos, tendo em vista que a educação, a aprendizagem e, em última instância, os currículos emergem a partir do trabalho coletivo e diário. Entende-se que a construção de uma sociedade mais solidária e democrática demanda uma nova cultura educacional, que entenda a importância das várias e heterogêneas formas de cultura e saberes presentes e constantes em todos os níveis da sociedade brasileira. Nesse movimento, as recomendações dos movimentos escolares sinalizam para uma formação que englobe as multiplicidades curriculares em seus âmbitos éticos, estéticos, políticos e poéticos. Para que o indivíduo possa exercer e exigir seus direitos é fundamental o conhecimento, a conscientização e a autonomia, decorrente da interação coletiva, a despeito dos efeitos no plano individual.

Nessa direção, a prática pedagógica voltada às experiências concretas e o diálogo visa romper com a cultura individualista, autoritária, vertical e apática. O processo de aprendizagem com foco na prática permite a interação de forma horizontal e facilita a compreensão da complexidade social, ao mesmo tempo em que desperta o sentimento de contestação com as desigualdades e com a negligência dos direitos fundamentais e sociais.

Mediante a análise da prática pedagógica não linear e flexível dos professores de Rio Branco, visa dar espaço aos métodos fora dos padrões atuais, privilegiando a expansão das opções e possibilidades locais e regionais sem, contudo, olvidar as dificuldades, tensões, conflitos e eventuais equívocos que poderão ocorrer ao longo do tempo. Reconhecer que a âmbito escolar, a educação e o currículo são sobretudo criações coletivas, em contínua evolução, que se estendem a todas as relações vividas nos mais variados espaços da sociedade, é condição necessária para o surgimento de vínculos mais justos na sociedade, tanto no plano vertical quanto no horizontal.

1. **REFERÊNCIAS**

Alves, Nilda; Ferraço, Carlos Eduardo. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos - a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. *In* Ribeiro, Tiago; Souza, Rafael; Sanchez, Carmem (orgs.). **Conversas como metodologia de pesquisa, por que não?** Curitiba: CRV, 2018. p. 55-63.

Certeau, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

Deleuze, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: 34, 2010.

Dewey, John. (2007). **Democracia e educação**. Didática Editora.

Freire, Paulo. **Política e educação**, 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

Maturana, Humberto. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

Moraes, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Campinas/SP: Papirus, 1997.

Morin, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed., São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000

Oliveira, Inês Barbosa. **O currículo como criação cotidiana.** Petrópolis: DP*et*Alli, 2012.

SOARES, Conceição. SANTOS, Edméa. Artefatos tecnoculturais nos processos pedagógicos: usos e implicações para os currículos. In: ALVES, Nilda. LIBÂNEO, José Carlos (Orgs.). ***Temas de pedagogia –*diálogos entre didática e currículo**. São Paulo: Cortez, 2012. p. 308 - 330.